

Nedson Moreira Batista

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME VI

AINDA QUERO VIVER

Solidão, sensibilidade, arena
e a força de construir a vida



Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME VI

AINDA QUERO VIVER

Solidão, sensibilidade, arena e a força de construir a vida

Nedson Moreira Batista

Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

VOLUME VI - AINDA QUERO VIVER

Nedson Moreira Batista

Este sexto volume nasce de orações e pensamentos construídos e amadurecidos ao longo do tempo. A primeira voz preserva o movimento emocional da oração: repetições, interrupções, imagens, choro, indignação, gratidão e a vontade de viver. A segunda voz retorna depois, já como autor, e observa o que foi dito sem retirar da oração o direito de ser oração. A terceira voz utiliza a Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI) de forma deliberadamente breve, apenas onde a formalização acrescenta clareza.

As cenas da fonte, da casa, do jardim, da arena, do leão e o pensamento que ganha forma como uma fala dirigida ao autor pertencem à construção contemplativa e literária. Não são apresentados como visão, audição, profecia ou revelação. A fé é confessada pelo autor; a TCI permanece no plano da representação.

Copyright © 2026 Nedson Moreira Batista. Todos os direitos reservados.

*“Eu quero viver porque, enquanto a tempestade
caía, eu estava guardado em Ti.”*

— Nedson Moreira Batista

As três vozes no Volume VI

A VOZ I - PENSAMENTO

é a oração enquanto ainda acontece. Neste volume ela precisa ocupar mais espaço porque a experiência não nasce pronta. Ela passa pelo jardim sujo, pelo bolo rasgado, pela solidão, pelo leão, pela flecha, pela casa, pelos filhos e pelo desejo de construir. A letra cursiva mantém visualmente a distância entre a oração viva e as vozes que chegam depois.

A VOZ II - O AUTOR

retorna ao que eu disse com um compromisso: não retirar a temperatura da experiência para fazê-la parecer intelectualmente mais elegante. Minha tarefa é reconhecer generalizações, distinguir imagem de descrição objetiva e perceber relações entre as cenas. Neste volume essa voz é menor. Ela observa sem ocupar o lugar da oração.

A VOZ III - A TCI

entra como uma nota de método. O observador faz compressões, carrega a própria trajetória e nunca transforma um estado em realidade inteira sem perda. A teoria não autentica a fala de Deus, não explica a fé e não reduz emoção a fórmula. Ela apenas impede que o meu modelo seja promovido à totalidade.

Prefácio - Depois que a chuva passa

Eu tinha terminado o volume anterior dizendo que voltaria ao jardim. Voltei. E não encontrei uma metáfora limpa esperando por mim. Encontrei lama, lixo, esterco, raízes comprometidas, flores dobradas e o trabalho de escolher o que ainda podia permanecer. Talvez por isso este livro comece de um lugar menos contemplativo e mais físico. Há sujeira nas mãos. Há coisa para cortar. Há o cansaço de quem já chorou durante a tempestade e agora precisa trabalhar depois dela.

Foi nesse trabalho que percebi a vontade de viver. Não como uma conclusão otimista, nem como um discurso contra a dor. Ela apareceu porque a dor não tinha destruído tudo. Eu continuava desejando a tarde, os filhos, a casa, a fonte, a terra, o futuro. Eu continuava me importando. Minha sensibilidade, que tantas vezes me fez sofrer, também era o lugar de onde nascia o desejo de continuar.

Depois veio a arena. Eu precisei ir muito longe na imaginação para explicar uma solidão que às vezes parece cercada de olhos. Vi um leão fora do próprio ambiente, cercado por pessoas que esperavam seu fim. Vi a primeira flecha, o sangue, a dificuldade de respirar e o instinto que não pergunta se vale a pena continuar: ele apenas tenta viver. Eu queria mostrar a Deus aquela cena porque, em alguns dias, a sensação interna se parece com isso.

Mas o livro não permanece na arena. Esse é o movimento que mais me interessa. Em determinado momento, o corpo se arrepia e um pensamento surge com uma nitidez especial: volte para a casa. Pare de organizar a vida ao redor daquilo que tentou te destruir. Olhe o piso. Olhe o quintal. Pense nos filhos. Faça contenção para a próxima enxurrada. Aprenda com o que aconteceu. Proteja o hoje.

Por isso este volume não é um elogio à resistência pela resistência. Não quero passar a vida provando que aguento flechas. Quero construir um lugar em que a vida possa respirar. Quero que meus filhos conheçam força sem aprender crueldade. Quero reconhecer caçadores antes que a arena se feche. Quero proteger a casa sem transformá-la numa prisão. Quero continuar sensível e, ao mesmo tempo, deixar de oferecer minha sensibilidade a todo ambiente que a trata como fraqueza.

A TCI aparece menos aqui porque a oração já encontrou uma linguagem própria. Em alguns pontos, a teoria ajuda: um observador lê a mesma cena a partir da própria história; um estado doloroso não contém a trajetória inteira; ambiente e agente se modificam mutuamente; ignorância residual exige cautela; prevenção exige estrutura. Mas o centro deste livro não é uma equação. É uma frase muito simples que hoje consigo dizer sem vergonha: eu quero viver.

Sumário

PARTE I - DEPOIS DA TEMPESTADE

Capítulo 1 - Enquanto a tempestade caía

Capítulo 2 - O jardim não ficou bonito

Capítulo 3 - O rasgo no bolo

Capítulo 4 - Cada observador leva a própria história

PARTE II - QUANDO A SENSIBILIDADE DÓI

Capítulo 5 - Sensibilidade não é fraqueza

Capítulo 6 - Assassinos de sonhos

Capítulo 7 - A solidão cercada de gente

Capítulo 8 - Uma humanidade cansada

PARTE III - A ARENA

Capítulo 9 - Leva-me à arena

Capítulo 10 - O leão só sabe viver

Capítulo 11 - A primeira flecha

Capítulo 12 - O barulho da plateia

Capítulo 13 - Antes da última flecha

PARTE IV - VOLTA PARA CASA

Capítulo 14 - Você não é aquele leão

Capítulo 15 - Foque na casa

Capítulo 16 - Ensina meus filhos a reconhecer caçadores

Capítulo 17 - Contenção para a próxima chuva

Capítulo 18 - O hoje é meu patrimônio

Epílogo - Eu ainda quero viver

Caderno conceitual - TCI neste volume

Referências

Sobre o autor

PARTE I

DEPOIS DA TEMPESTADE

*O jardim ferido, a sujeira que não pertence às flores e a decisão de
trabalhar onde ainda existe vida.*

CAPÍTULO 1

Enquanto a tempestade caía

VOZ I · PENSAMENTO

Pai.

Hoje eu quero conversar contigo sobre a minha vontade de viver.

Antes eu quero Te agradecer pela última lição. Ela trouxe uma clareza que eu não tinha. Eu passei muito tempo imaginando que, depois de uma coisa ruim, o maior trabalho seria entender por que ela aconteceu. Agora percebo que, muitas vezes, enquanto ficamos olhando para o estrago, aquilo que ainda poderia ser cuidado continua exposto. A dor pede atenção, mas a vida que sobrou também pede.

Obrigado pela chuva, Pai.

Obrigado pela tempestade.

Eu não agradeço porque destruir foi bom. Não foi. Eu agradeço pelo que aprendi depois. Enquanto a tempestade caía, eu estava guardado em Ti. Enquanto tudo era sacudido lá fora, aqui dentro eu falava das minhas dores. Chorava. Repetia coisas. Fazia perguntas. Voltava aos mesmos assuntos. E alguma coisa em mim permanecia protegida.

Na minha imaginação o Senhor estava sentado naquela cadeira da cabana, mas, ao mesmo tempo, era a própria casa. Eu conseguia olhar para Ti e sentir que a parede também era proteção, o teto era proteção, o espaço entre mim e o barulho era proteção. A tempestade estava do lado de fora, e eu não precisava fingir que ela não existia para reconhecer que havia um lugar em que ela não conseguia me carregar inteiro.

Quando ela passou, eu saí.

Foi aí que percebi o tamanho do trabalho.

Eu queria que o jardim tivesse resistido melhor. Queria encontrar as flores molhadas, talvez dobradas, mas ainda bonitas. Queria que a chuva tivesse servido apenas para preparar uma imagem delicada sobre resistência. Não foi assim. Eu encontrei destruição. Algumas plantas tinham sido deslocadas. Outras estavam quebradas. Havia lama onde antes havia cor. Havia sujeira em folhas que eu tinha cuidado uma por uma.

E eu pensei: se eu ficar apenas olhando, perco o que ainda posso recuperar.

Foi aí que comecei.

Tirei o que estava solto. Levantei o que ainda tinha raiz. Cortei o que já não podia continuar do mesmo jeito. Separei o que era lixo do que era terra. E foi nesse movimento que a vontade de viver apareceu.

Eu quero viver, Senhor.

Quero viver porque a tempestade não levou tudo. Quero viver porque ainda há coisas para reconstruir. Quero viver porque existem manhãs que eu não conheço, abraços que ainda não aconteceram, lugares em que nunca estive, músicas que ainda não ouvi e conversas que ainda não tive.

Eu quero viver porque tenho filhos.

Quero viver porque ainda tenho vontade de ensinar, aprender, escrever, cantar, plantar, trabalhar e sentar numa tarde tranquila sem transformar o céu inteiro numa previsão de tempestade.

Talvez eu esteja entendendo uma coisa que me parece importante: eu não quero viver apesar da minha sensibilidade. Eu quero viver também por causa dela. É justamente porque sinto muito que algumas coisas possuem tamanho dentro de mim. É porque eu me importo que a perda dói. É porque eu amo que a ausência pesa. A mesma sensibilidade que torna a flecha mais profunda também torna a vida mais bonita quando alguma coisa boa me alcança.

Pai, eu não quero arrancar de mim essa parte para sofrer menos.

Eu quero aprender a protegê-la.

Quero aprender a escolher onde ela pode repousar.

Quero aprender a viver sem me defender da beleza só porque já conheci o que a dor consegue fazer.

E hoje, depois da tempestade, com o jardim ainda ferido, eu consigo Te dizer: eu estou aqui.

Ainda quero viver.

VOZ II • O AUTOR

Quando releio essa oração, percebo que a vontade de viver não surgiu quando o jardim voltou a ficar bonito. Ela apareceu quando ele ainda estava danificado. Isso muda o sentido da cena. A esperança não depende de restauração concluída; ela começa no reconhecimento de que ainda existe alguma região sob cuidado possível.

A proteção também não é apresentada como imunidade. A tempestade existiu, houve perda e houve trabalho. O que a oração confessa é uma experiência interior de abrigo durante o evento. Não preciso transformar isso em uma explicação universal para reconhecer que, para mim, a presença de Deus foi vivida como casa enquanto o exterior estava em desordem.

VOZ III • A TCI

A TCI permite separar estado, trajetória e totalidade. Uma perturbação modifica o sistema, mas não contém sozinha tudo o que o sistema é. O jardim depois da chuva é um estado de $T(t)$, não a definição completa de sua trajetória.

estado ferido $\neq$ trajetória inteira

CAPÍTULO 2

O jardim não ficou bonito

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, eu preciso dizer uma coisa que talvez pareça pouco espiritual: o jardim ficou feio.

Muito feio.

Não havia uma flor que não estivesse suja. A lama tinha subido pelas folhas. Havia terra revirada, restos, esterco, lixo, galhos, coisas que eu não tinha colocado ali e que agora estavam misturadas com aquilo que era meu. Não era possível olhar de longe e dizer que tudo tinha uma beleza secreta. Eu precisei chegar perto e aceitar que a cena não era bonita.

Isso também me ensinou.

Às vezes nós temos uma pressa enorme de colocar beleza em cima da dor. Queremos dizer que tudo tem propósito, que tudo ensina, que toda perda prepara algo maior. Talvez algumas dessas frases possam ser verdadeiras em alguma história, mas naquele jardim elas não limpavam nada. A lama não saía porque eu encontrava um significado. Ela saía quando eu colocava a mão e começava a limpar.

Tinha flor que dava para recuperar.

Tinha flor que eu precisei podar.

Tinha flor que eu arranquei pela raiz.

Essa foi uma das partes mais difíceis. Eu tinha plantado. Eu tinha acompanhado. Eu sabia como aquela planta tinha crescido. Mesmo assim, em algum ponto, precisei aceitar que deixá-la ali não devolveria a vida que ela perdeu. Algumas raízes já não sustentavam. Algumas estruturas estavam comprometidas. Eu não podia transformar apego em cuidado.

Então cortei.

Limpei.

Recolhi.

E continuei.

Talvez eu tenha confundido persistência com permanência durante muito tempo. Persistir na vida não significa conservar tudo. Algumas coisas precisam ser retiradas justamente para que o restante tenha espaço de respirar. Eu não gosto dessa conclusão porque ela exige despedidas. Mas o jardim me mostrou sem discurso.

Eu olhei para os espaços vazios e senti tristeza. Onde antes havia cor, agora havia terra. Onde eu esperava uma flor, havia apenas a lembrança de uma flor. E eu não quis fingir que isso não importava.

Importa.

A ausência ocupa espaço.

Só que o vazio também me obrigou a enxergar outra coisa: eu ainda podia escolher o que fazer com aquela terra.

Poderia deixar abandonada.

Poderia plantar de novo.

Poderia esperar.

Poderia até descobrir que talvez outra espécie crescesse melhor ali.

Eu não precisava decidir naquele minuto. Bastava não confundir perda com fim de toda possibilidade.

Pai, ajuda-me a aprender esse tipo de cuidado. Não aquele cuidado que segura tudo por medo de perder, mas o cuidado que consegue reconhecer quando insistir deixou de preservar a vida. Dá-me delicadeza para podar sem violência. Dá-me coragem para retirar o que realmente acabou. E, principalmente, não me deixe transformar o jardim ferido em motivo para abandonar a própria vontade de plantar.

Hoje ele não está bonito.

Mas está possível.

E isso, depois de tanta lama, já significa muito para mim.

VOZ II • O AUTOR

A palavra “possível” me parece mais honesta do que “restaurado”. O capítulo não oferece uma reconstrução instantânea. O jardim ainda está feio, mas já existe uma relação nova com ele: a destruição deixou de ser objeto de contemplação passiva e virou campo de decisão.

Também reconheço aqui um limite importante. Nem toda perda precisa receber imediatamente uma lição. Algumas coisas permanecem simplesmente tristes. A reflexão começa quando a tristeza já pode dividir espaço com ação.

VOZ III • A TCI

Sistemas vivos e sociais podem exigir retirada de componentes comprometidos, mas a metáfora não fornece uma regra universal. A TCI preserva contexto: mesma ação observável pode ter efeitos diferentes conforme R, O e trajetória acumulada.

cuidado ≠ conservação indiscriminada

CAPÍTULO 3

O rasgo no bolo

VOZ I · PENSAMENTO

Ah, Senhor, eu também Te agradeço pela lição do bolo.

Eu volto para aquela cozinha e ainda consigo sentir o cuidado que havia na cena. Eu queria te oferecer um café da tarde bonito. Pensei nos ingredientes, no cheiro, na mesa. Eu queria que o bolo saísse inteiro. Queria que ele dissesse sem palavras: eu me importei. Eu preparei. Eu pensei nisso.

E uma parte ficou presa na forma.

Um detalhe.

Uma região pequena.

Mas o bolo rasgou.

Eu lembro do incômodo. Lembro de olhar para aquilo como se todo o restante tivesse perdido valor. E hoje eu consigo enxergar quanto de vida nós entregamos às pequenas coisas quando elas ocupam o centro do nosso campo de atenção.

Talvez eu tenha feito tudo certo em noventa e nove lugares e meus olhos tenham ido diretamente para o único ponto que deu errado.

É assim com o bolo.

É assim com um dia.

É assim com uma relação.

É assim conosco.

Uma frase atravessada consegue cobrir cem gestos de carinho. Um atraso consegue tomar a memória de um esforço enorme. Um esquecimento ocupa a noite inteira. Uma falha pequena vira explicação completa de alguém.

Pai, eu quero aprender a não fazer isso comigo e também não fazer com os outros.

Eu não quero olhar para a pessoa que amo e transformá-la no pedaço que ficou na forma.

Também não quero permitir que alguém me transforme apenas no meu rasgo.

Há uma diferença entre reconhecer a falha e reduzir a pessoa a ela. Eu consigo dizer: isso doeu. Eu consigo pedir reparação. Eu consigo admitir meu erro. Mas eu não quero construir um tribunal onde uma pequena região da história receba o direito de apagar tudo.

Naquele dia o bolo continuava existindo.

O café continuava quente.

A mesa continuava ali.

Na minha imaginação o Senhor ainda estava comigo.

O meu desejo de oferecer alguma coisa boa não tinha desaparecido porque a massa rasgou.

Então talvez aquela tarde não tenha sido destruída. Talvez só tenha ficado humana.

E isso me toca, Pai, porque eu sou humano. Eu esqueço. Eu me canso. Eu interpreto errado. Eu falo coisas de um jeito que depois eu gostaria de ter dito diferente. Há dias em que a fé parece firme e outros em que entro em desespero por uma coisa que, visto de fora, pareceria pequena.

Não deixe que eu demonize essas regiões de mim. Corrige-me quando necessário. Ensina-me. Mas não me deixe chamar de monstruoso aquilo que talvez seja apenas uma parte pequena que precisa de cuidado.

E, quando eu encontrar o rasgo no outro, dá-me a mesma prudência.

Eu quero continuar vendo o bolo.

VOZ II · O AUTOR

O bolo retorna porque funciona como escala. O evento é pequeno, mas não irrelevante. Ele pode incomodar, frustrar e até ferir. O problema aparece quando a proeminência daquele detalhe se transforma em medida integral da cena.

Este capítulo também aproxima ética e percepção: eu peço para não ser reduzido a um fragmento, mas isso exige que eu também não reduza o outro. A misericórdia que desejo receber precisa aparecer no modo como observo.

VOZ III · A TCI

Na TCI, propriedades selecionadas recebem pesos dentro do modelo. Proeminência não equivale a totalidade de R. Um detalhe pode alterar M sem que o restante deixe de existir.

rasgo $\in$ bolo; rasgo $\neq$ bolo inteiro

CAPÍTULO 4

Cada observador leva a própria história

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, hoje eu percebi que o rasgo do bolo muda dependendo de quem está olhando.

Para uma pessoa, o rasgo pode ser uma tragédia. Ela olha e encontra ali um pecado enorme, uma falha moral, uma coisa que deveria ser condenada com força. Outra pessoa vê o mesmo rasgo e pensa apenas: aconteceu. Outra se lembra de um aniversário esquecido. Outra pensa num agradecimento que não deu. Outra se lembra do dia em que deixou de dizer “eu te amo” quando tinha o costume de dizer todos os dias.

O objeto parece o mesmo.

A experiência não é.

Há pessoas que dizem “eu te amo” a cada cinco meses e isso é suficiente para elas. A frase fica guardada. Funciona como combustível para muito tempo. Há outras que precisam ouvi-la todos os dias. Não porque amem mais. Não porque sejam mais fracas. O modo de receber afeto é diferente. A história é diferente. O medo é diferente. O que cada um aprendeu sobre ausência também é diferente.

Eu penso nisso e vejo o quanto julgamos sem conhecer o referencial.

Aquilo que para mim é um esquecimento pode tocar no outro uma ferida antiga.

Aquilo que para o outro é silêncio pode soar para mim como abandono.

Aquilo que uma pessoa entende como espaço pode ser vivido por outra como distância.

Isso não significa que qualquer interpretação seja automaticamente justa. Há gente que pega uma palavra inocente e procura dentro dela uma maldade que não existia. Há quem transforme fragilidade em munição. Há quem retire uma frase do seu lugar, apague a intenção, apague o contexto, apague o restante do bolo e apresente somente o rasgo.

Senhor, proteja minhas palavras dessa violência quando puder. Mas, mais do que isso, ensina-me a não escrever e viver com medo permanente de todos os observadores possíveis.

Eu não consigo controlar a experiência de quem me lê.

Eu consigo cuidar do que escrevo.

Consigo revisar.

Consigo explicar.

Consigo pedir desculpas quando fui injusto.

Consigo aprender.

Mas não consigo entrar em todas as histórias para impedir que alguém leia a partir de si.

Talvez isso também faça parte de escrever. Eu falo contigo, mas, quando a oração vira livro, alguém que eu nunca vi senta ao nosso lado. Essa pessoa chega carregando a própria vida. Ela lê minha casa e lembra da casa dela. Lê minha tempestade e procura a tempestade que conheceu. Lê a flecha e sente uma dor que eu não conheço. Lê o bolo e encontra um rasgo diferente do meu.

Eu quero que isso aconteça.

Quero que a pessoa se encontre sem precisar se tornar eu.

Quero que ela veja sua própria experiência sem que minhas palavras a obriguem a vestir minha história inteira.

E se, algum dia, alguém me interpretar de um jeito que eu nunca quis dizer, dá-me força para não abandonar minha voz por causa disso. Ensina-me a distinguir correção necessária de condenação improdutiva. Eu quero aprender com observadores honestos. Só não quero viver prisioneiro daqueles que precisam me transformar em algo pior para sustentar o próprio modelo.

Pai, eu quero continuar escrevendo com a mesma pureza com que tentei fazer aquele bolo.

VOZ II • O AUTOR

Aqui a oração se torna também uma reflexão sobre autoria. Um texto publicado deixa de pertencer apenas ao estado interno em que nasceu. Ele entra em trajetórias alheias. Isso amplia o sentido, mas também abre espaço para leituras que o autor não controla.

Não existe solução total para isso. Posso escrever com responsabilidade, contextualizar e corrigir, mas não possuo o observador do outro. Essa limitação precisa ser aceita para que a escrita não se torne refém antecipada de toda leitura possível.

VOZ III • A TCI

$M = \Phi(O,R)$. O observador O participa da representação: memória, linguagem, necessidade e história alteram M . Isso explica divergência de leitura sem declarar que toda leitura possui a mesma qualidade epistêmica.

leituras diferentes podem coexistir; evidência e contexto ainda importam

PARTE II

QUANDO A SENSIBILIDADE DÓI

*O esforço de continuar humano num ambiente que muitas vezes transforma
delicadeza em fraqueza e presença em espetáculo.*

CAPÍTULO 5

Sensibilidade não é fraqueza

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, há uma coisa que eu quero guardar com muita força: sensibilidade não é fraqueza.

Perceber não é ser fraco.

Chorar não é ser fraco.

Amar não é ser fraco.

Eu sei que, em alguns lugares, é mais seguro parecer indiferente. A pessoa se declara e alguém ironiza. Um gesto de carinho acontece e alguém sente necessidade de ridicularizar. Duas pessoas demonstram amor e aparece quem diga que vai vomitar, quem trate a cena como se fosse um excesso vergonhoso. Às vezes até usam imagens terríveis de morte para zombar da felicidade do outro.

Isso me preocupa, Senhor.

Não porque toda manifestação de afeto seja automaticamente boa. Há exageros, há dependências, há relações que precisam de limite. Mas eu não estou falando disso. Estou falando da incapacidade de suportar a existência de uma coisa bonita sem precisar destruí-la com sarcasmo.

Quando foi que a ternura começou a precisar pedir desculpas?

Quando foi que um homem que chora passou a ser considerado menor?

Quando foi que esconder virou prova de maturidade?

Eu não quero aprender isso.

Eu quero continuar sendo capaz de dizer eu te amo. Quero abraçar meu filho sem calcular se alguém achará exagerado. Quero sentir falta. Quero me emocionar com música. Quero lembrar de datas. Quero oferecer bolo. Quero plantar flores demais num jardim porque a beleza me encanta.

Eu sei que isso aumenta minha exposição.

Quem sente percebe coisas que outros deixam passar. A mudança de um tom de voz. Um olhar que desviou. Uma palavra que deixou de aparecer. Um silêncio que antes não existia. Às vezes minha mente dá a essas mudanças um tamanho maior do que deveriam ter. Eu preciso de discernimento para isso. Mas o fato de precisar de direção não transforma a sensibilidade em doença moral.

Pai, eu te peço: não me deixe me tornar frio só para ser mais difícil de ferir.

Seria uma vitória estranha.

Eu evitaria parte da dor, mas perderia parte da vida.

Eu quero força para permanecer sensível com limites. Quero saber que portas fechar sem fechar meu coração inteiro. Quero reconhecer quando uma conversa não é segura. Quero saber sair. Quero aprender a não entregar meu íntimo a quem o usa como material de ataque.

Mas também quero continuar sentando numa mesa e dizendo o que sinto quando há amor suficiente para isso.

Talvez a força que eu procuro não seja aquela que endurece. Talvez seja a força de um corpo vivo: flexível, atento, capaz de receber impacto, capaz de se recuperar e ainda reconhecer carinho quando o carinho chegar.

Senhor, conserva isso em mim.

Eu não quero que a maldade dos outros me ensine a ter vergonha do que ainda há de humano em mim.

VOZ II • O AUTOR

Eu reconheço nesta oração uma continuidade direta com o Volume IV. Naquele momento eu já dizia que não queria sentir menos apenas para sofrer menos. Aqui a questão ganha forma ética: preservar sensibilidade exige também aprender limites.

A força que procuro não é ingenuidade. É capacidade de não permitir que a proteção se transforme em amputação afetiva. Isso me parece especialmente importante num tempo em que sarcasmo, exposição e desprezo podem ser confundidos com inteligência social.

VOZ III • A TCI

Sensibilidade aumenta propriedades acessíveis ao observador, mas também pode aumentar carga de perturbação. A resposta sistêmica não precisa ser reduzir Ω a quase zero; pode ser melhorar filtros, fronteiras e critérios.

proteção eficiente $\neq$ insensibilidade

CAPÍTULO 6

Assassinos de sonhos

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, quando penso na vontade de viver, penso também naquilo que tenta diminuir a vida sem necessariamente tocar no corpo.

Existem pessoas que matam entusiasmo.

Matam sonhos.

Matam a coragem de começar.

Às vezes fazem isso com uma frase. A pessoa mostra um projeto e escuta uma risada. Mostra um amor e recebe desprezo. Conta um plano e alguém imediatamente procura o motivo pelo qual aquilo vai dar errado. Parece haver gente incomodada com a alegria alheia, como se toda felicidade precisasse ser trazida para um nível suportável por quem observa.

Eu não quero romantizar a palavra “sonho”. Nem todo sonho é bom. Nem toda ideia é possível. Há planos que precisam de crítica, números, prudência, avaliação de risco. Eu trabalho com isso. Eu sei o valor de uma observação técnica que impede um erro.

O que me incomoda é outra coisa.

É a destruição sem compromisso com a verdade.

É a crítica que não quer melhorar nada.

É a satisfação em reduzir.

É quando alguém olha para uma pessoa feliz e sente necessidade de furar aquela felicidade para provar que também pode alcançar alguma coisa dentro dela.

Eu me pergunto de onde isso nasce.

Talvez algumas pessoas estejam cansadas. Talvez tenham sido feridas. Talvez ver outra pessoa vivendo alguma coisa bonita confronte aquilo que elas perderam. Eu não sei. E é importante que eu diga: eu não sei.

Não quero preencher o coração alheio com uma explicação conveniente só porque fui atingido.

Mas sei o efeito.

O efeito existe.

Uma palavra pode diminuir coragem. Uma humilhação pública pode fazer alguém abandonar um projeto que ainda nem começou. Uma sequência de risadas pode ensinar uma criança a esconder aquilo de que gosta. Um ambiente inteiro pode treinar pessoas para que parem de demonstrar alegria.

Pai, que eu não faça isso.

Que a minha dor não me transforme em assassino do entusiasmo alheio.

Quando eu não puder apoiar, que eu seja honesto sem crueldade.

Quando eu precisar criticar, que exista alguma intenção de cuidado.

Quando alguém estiver vivendo uma alegria que eu não compreendo, que eu consiga deixá-la existir sem precisar diminuí-la.

E, quando eu encontrar quem faça o contrário comigo, dá-me estrutura para não entregar meu futuro a essa pessoa.

Eu não preciso convencer todo mundo.

Eu preciso cuidar do que estou construindo.

Talvez esse seja o começo da casa que ainda vou aprender a proteger.

VOZ II • O AUTOR

A expressão “assassinos de sonhos” é forte e, por isso, precisa de uma leitura responsável. Ela não descreve uma categoria fixa de pessoas. Funciona como nome literário para comportamentos que diminuem iniciativa, alegria ou esperança sem finalidade construtiva.

A oração também corrige uma tentação importante: atribuir motivo. Eu posso observar o efeito de uma fala sobre mim sem afirmar que conheço integralmente a intenção de quem falou.

VOZ III • A TCI

A TCI preserva diferença entre efeito observado e motivo atribuído. Uma perturbação P pode alterar o estado de O sem que a causa psicológica do agente externo esteja acessível.

efeito percebido ≠ intenção conhecida

CAPÍTULO 7

A solidão cercada de gente

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, existe uma solidão que eu acho fácil de explicar. É a casa vazia. A cadeira sem ninguém. O telefone que não toca. O domingo comprido. A ausência visível.

Mas existe outra que é muito mais estranha.

É estar cercado e ainda assim sentir que não há ninguém.

É ter gente olhando e não se sentir percebido.

É ter gente falando e não se sentir ouvido.

É participar de uma conversa e perceber que ninguém tocou realmente no lugar em que você está.

Talvez essa seja uma das formas mais pesadas de solidão porque ela contradiz a própria cena. Quem olha de fora pensa: como alguém pode se sentir só com tanta gente por perto? Mas presença física não atravessa automaticamente o espaço entre duas consciências.

Às vezes uma pessoa está numa festa e sozinha.

Está numa família e sozinha.

Está casada e sozinha.

Está conectada a centenas de pessoas e sozinha.

Está numa igreja e sozinha.

Está num escritório cheio e sozinha.

Eu penso nisso porque, quando a solidão me invade, ela tenta dizer duas coisas. A primeira é: você está sozinho. A segunda é muito pior: ninguém vem.

Essa segunda frase pesa.

Ela não descreve apenas o agora. Ela invade o futuro. Tenta transformar um estado num destino. Tenta pegar uma tarde difícil e projetá-la para todos os dias que ainda não existem.

Senhor, eu te peço ajuda nessa hora.

Não quero negar o que sinto. Se eu disser que não estou sozinho apenas para produzir uma frase de fé, talvez eu esteja escondendo a verdade da experiência. Eu quero poder dizer: agora eu me sinto só. Isso dói. Eu precisava de presença e não encontrei como precisava.

Mas eu também não quero promover essa sensação a profecia.

Eu não sei quem ainda vai chegar.

Não sei que relação ainda pode ser construída.

Não sei que conversa ainda vai acontecer.

Não sei que parte da minha própria percepção está estreitada pela dor do momento.

Eu sei apenas que, quando a solidão chega, ela não pode receber autoridade para narrar todo o futuro.

Pai, fica comigo quando o barulho ao redor não for companhia.

E me ensina também a ser presença para alguém. Se eu desejo que alguém desça até o meu chão, que eu aprenda a descer até o chão do outro quando puder. Que eu não seja mais um rosto na arquibancada da dor de alguém.

VOZ II • O AUTOR

A oração distingue solidão de isolamento físico. Essa diferença importa porque a experiência de conexão depende de qualidade relacional, não apenas de quantidade de contatos.

Também existe uma disciplina temporal: sentir-se só agora não autoriza concluir que a trajetória inteira será solitária. A frase “ninguém vem” é compreensível como sensação; como afirmação sobre o futuro, ela excede o espaço observacional disponível.

VOZ III • A TCI

Estado subjetivo real não precisa ser convertido em previsão objetiva. A TCI preserva X para o futuro ainda não observado.

solidão(t) real; solidão(t) ≠ destino demonstrado

CAPÍTULO 8

Uma humanidade cansada

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, às vezes eu tenho medo de transformar o meu sofrimento em medida da humanidade. Quando dói muito, parece que todo mundo está frio, todo mundo está agressivo, todo mundo perdeu a delicadeza. Mas eu sei que isso não é verdade.

Há gente cuidando.

Há gente amando.

Há gente reconstruindo casa depois de enchente, alimentando filho, trabalhando, estudando, visitando doente, ensinando criança, segurando a mão de alguém em hospital, preparando comida para quem nem conhece.

Mesmo assim, eu também percebo que existe um cansaço espalhado.

E quando olho para números globais, Pai, eles me lembram que algumas dessas sensações não pertencem apenas ao meu quarto ou às minhas orações. Em 2025, a Organização Mundial da Saúde divulgou que aproximadamente uma em cada seis pessoas no mundo relatava solidão. Entre jovens, especialmente adolescentes, a proporção chegava a cerca de 21%. A Gallup, olhando para a experiência emocional do mundo em 2024, encontrou 39% dos adultos dizendo que sentiram muita preocupação no dia anterior e 37% relatando muito estresse.

Eu leio esses números e não quero transformá-los em drama. Também não quero fazer deles um diagnóstico individual de ninguém. São estimativas populacionais. Mas eles me fazem pensar.

Quantas pessoas acordaram cansadas hoje?

Quantas estão falando normalmente enquanto carregam um peso que não aparece?

Quantas responderam “tudo bem” porque seria complicado demais explicar?

Quantas estão cercadas de mensagens e sem uma única conversa em que consigam repousar?

Talvez por isso eu precise ter mais cuidado com a pressa de interpretar alguém.

Uma resposta curta pode ser grosseria.

Pode ser cansaço.

Pode ser distração.

Pode ser dor.

Eu não sei antes de perguntar.

Talvez a humanidade não tenha perdido toda a sensibilidade. Talvez parte dela esteja sobrecarregada. Talvez existam pessoas que ficaram tão acostumadas a se defender que

esqueceram como receber. Talvez outras estejam simplesmente reproduzindo crueldade. Eu não tenho um modelo único para todos.

O que eu posso pedir é isto: não deixe o meu coração usar o cansaço do mundo como desculpa para aumentar esse cansaço.

Se eu puder produzir um pouco de repouso para alguém, que eu produza.

Se eu puder ouvir, que eu ouça.

Se eu puder evitar uma humilhação desnecessária, que eu evite.

E, quando eu mesmo estiver cansado, que eu tenha humildade para reconhecer isso antes de transformar meu esgotamento numa teoria sobre todos os homens.

Eu quero viver num mundo que ainda tenha sensibilidade.

Se esse mundo não estiver pronto, que pelo menos a região que eu alcanço não fique mais fria por minha causa.

VOZ II • O AUTOR

Os dados globais entram aqui com uma função limitada: ampliar a escala da pergunta. A OMS estimou em 2025 que 15,8% da população mundial relata solidão, chegando a 21% entre jovens. A Gallup informou, com base em dados de 2024 coletados em 144 países e áreas, que 39% dos adultos relataram muita preocupação e 37% muito estresse no dia anterior. Esses indicadores negativos permanecem acima dos níveis de uma década antes.

Nada disso autoriza transformar uma estatística mundial em explicação de uma pessoa concreta. Os números mostram escala; a história individual ainda exige encontro.

VOZ III • A TCI

Modelos populacionais comprimem milhões de trajetórias em indicadores. Eles preservam padrões relevantes e perdem singularidade.

percentual global ≠ trajetória individual

modelo agregado útil ≠ totalidade da experiência

PARTE III

A ARENA

O leão fora do seu mundo, a flecha, a plateia e o instinto que continua procurando vida quando o ambiente já parece decidido contra ele.

CAPÍTULO 9

Leva-me à arena

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, agora eu quero sair um pouco da casa.

O jardim pode descansar.

A fonte pode continuar correndo.

Eu quero caminhar contigo para um lugar que não existe diante dos meus olhos, mas que apareceu com tanta força na minha imaginação que eu preciso atravessá-lo.

Leva-me a uma arena de um mundo antigo.

Não sei o lugar exato. Não quero fingir precisão histórica para uma cena que nasceu como metáfora. Eu só vejo pedra, arquibancadas, poeira e uma multidão reunida para assistir alguma coisa morrer.

Olha para eles, Pai.

São milhares.

Conversam.

Riêm.

Esperam.

Alguns parecem ter vindo de longe. Outros ocupam lugares melhores. Há homens que se consideram importantes. Há gente que comprou comida. Há crianças tentando enxergar. Existe um clima quase festivo, e isso é o que mais me perturba.

Porque no centro daquela alegria de arquibancada existe a expectativa do sofrimento de alguma coisa.

Eu fico tentando entender o homem.

Por que o sofrimento do outro consegue se transformar em espetáculo quando existe distância suficiente?

Por que a dor perde peso quando não é nossa?

Eu poderia inventar explicações. Poderia dizer que fazem isso para esquecer as próprias misérias, para sentir poder, para pertencer a um grupo. Talvez isso aconteça em alguns casos. Mas eu não sei o que existe dentro de cada pessoa naquela arquibancada.

Só vejo que eles vieram.

E esperam.

De repente o portão se abre.

Um leão entra.

É difícil explicar o impacto. Ele é grande. A juba, o corpo, a força. Tudo nele parece ter sido feito para um mundo aberto. Para distância. Para vento. Para cheiro de terra. Para movimento. Ali, porém, sua majestade parece caber mal entre aquelas paredes.

Na arquibancada há homens que se chamam reis.

No centro há um rei que não sabe que é rei.

Ele não conhece títulos. Conhece fome, proteção, território, família, descanso, água, perigo.

Ele conhece vida.

E é isso que torna a cena insuportável para mim.

A multidão veio assistir ao fim.

O leão entrou apenas tentando entender onde está.

Pai, é por isso que te trouxe aqui.

Às vezes a solidão que sinto se parece com essa distância entre quem está no centro e quem está sentado acima, protegido, olhando.

Eu queria que o Senhor percebesse o tamanho da plateia.

E eu queria te dizer que, às vezes, dentro de mim, ela parece maior do que realmente é.

VOZ II • O AUTOR

A arena é assumidamente uma construção literária. Ela não precisa corresponder a um evento histórico específico para funcionar como imagem de exposição e assimetria de poder.

O ponto central não é demonizar uma multidão abstrata. É registrar a experiência de perceber-se observado por muitos e amparado por poucos. A oração, inclusive, reconhece que não conhece a motivação individual dos espectadores. Isso preserva o limite entre efeito percebido e psicologia atribuída.

VOZ III • A TCI

A arena comprime relações assimétricas: observadores protegidos, agente exposto, baixa capacidade de fuga. A TCI descreve estrutura sem inferir intenção interna de cada agente.

estrutura observável ≠ motivo integral conhecido

CAPÍTULO 10

O leão só sabe viver

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, quando olho para o leão, tento lembrar de onde ele veio.

Antes da arena havia um mundo.

Ele acordava e não pensava em vencer ninguém. Pensava em viver. Procurava alimento. Protegia o espaço. Reconhecia cheiro, vento, movimento. Sabia onde havia sombra. Sabia onde a água ficava. Talvez subisse numa pedra mais alta e dali observasse o horizonte. Sentia o vento na juba. Ouvia um pássaro e sabia que aquele som fazia parte da normalidade.

Talvez tivesse filhos.

Talvez houvesse companhia.

Talvez conhecesse o cheiro dos outros de sua espécie antes de vê-los.

No habitat dele, sua força tinha linguagem.

O corpo sabia o que fazer.

Ali ele não precisava ser cruel para existir. Caçar não era espetáculo. Defender não era vaidade. Era vida encontrando vida num sistema que ele conhecia.

Agora o ambiente mudou completamente.

Há parede onde deveria haver horizonte.

Há ruído onde deveria haver distância.

Há gente onde ele esperaria cheiro de natureza.

Há ameaça sem rota de fuga.

E ele não sabe que aquilo foi preparado para tornar a sobrevivência quase impossível.

Isso me atinge, Pai.

Porque às vezes julgamos alguém sem considerar o ambiente em que o colocamos. Vemos dificuldade de reação e chamamos de fraqueza. Vemos ansiedade e chamamos de incapacidade. Vemos alguém confuso e esquecemos que talvez todas as referências daquele sujeito tenham sido deslocadas.

Um leão na mata e um leão numa arena possuem o mesmo corpo, mas não a mesma possibilidade.

Eu penso em mim.

Penso nos lugares em que sou forte.

Penso no que acontece comigo quando estou em um ambiente em que conheço as regras, tenho espaço, consigo pensar, consigo respirar, tenho tempo para observar. E comparo com os lugares em que tudo parece imprevisível, hostil, rápido, cheio de interpretação.

Talvez eu precise parar de medir minha força apenas pelo modo como reagi nas arenas.

Talvez eu também precise perguntar onde consigo viver de maneira mais inteira.

Pai, eu não quero fugir de toda dificuldade. Um habitat não é um lugar sem perigo. O leão também enfrenta ameaça em seu mundo. A diferença é que ali sua força conversa com a realidade. Ele pode escolher. Pode recuar. Pode procurar água. Pode mudar de território.

Na arena, até a escolha foi reduzida.

E mesmo assim ele só sabe uma coisa:

viver.

VOZ II • O AUTOR

O capítulo desloca o julgamento do indivíduo para a relação indivíduo-ambiente. Não se trata de negar responsabilidade pessoal, mas de reconhecer que desempenho, resposta e percepção mudam quando as condições do sistema mudam.

Essa ideia também me devolve alguma justiça comigo mesmo: reações produzidas em ambientes de alta ameaça não devem ser tomadas isoladamente como descrição integral da pessoa.

VOZ III • A TCI

Na TCI, estado resulta de múltiplas interações. O mesmo agente O em ambientes R1 e R2 pode produzir comportamentos e modelos muito diferentes.

O constante + R alterado → respostas diferentes

CAPÍTULO 11

A primeira flecha

VOZ I · PENSAMENTO

Então chega a primeira flecha, Pai.

Ela atinge o pescoço.

Eu não quero escrever essa cena de um jeito bonito. Eu quero que doa porque a oração nasceu assim. Há uma violência absurda em um corpo que estava tentando apenas compreender o espaço e, de repente, recebe uma dor que não existia no seu mundo de um segundo atrás.

A flecha entra.

O corpo reage.

O ar muda.

O sangue começa a cair.

E eu penso em quantas vezes a vida nos surpreende com alguma coisa que não estava no plano.

O plano era acordar.

O plano era cuidar dos filhos.

O plano era trabalhar.

O plano era voltar para casa.

O plano era procurar sombra quando o sol ficasse forte, beber água, respirar, fazer aquilo que se conhece.

De repente existe uma flecha.

Uma notícia.

Uma perda.

Uma acusação.

Uma ruptura.

Um acontecimento que não pertencia àquele universo em que a mente estava se organizando.

Talvez uma das maiores dificuldades seja exatamente essa: o corpo continua vivendo um segundo depois de a realidade mudar.

O leão sente dor, mas o instinto não recebe uma explicação. Ele não sabe por que aconteceu. Não sabe quem decidiu. Não sabe o que a multidão quer. O corpo apenas registra ferimento e procura sobreviver.

Eu olho para o chão.

Há sangue.

É dele.

É energia indo embora.

É vida se esvaindo diante de uma plateia que reage com gritos.

E isso me revolta, Pai.

Mas a revolta é minha. O leão continua tentando viver.

Ele não conhece a maldade da plateia do jeito como eu conheço na metáfora. Ele não precisa compreender a moral de tudo para lutar.

Então ele luta.

Não por glória.

Não por vingança.

Não para provar masculinidade.

Ele luta porque quer viver.

Talvez isso seja o que eu quero aprender nessa cena. Nem toda luta precisa de uma filosofia completa antes do primeiro movimento. Há momentos em que continuar respirando já é resposta suficiente.

Senhor, quando a vida me surpreender de novo, ajuda-me a não exigir de mim uma compreensão perfeita antes de me permitir sobreviver ao impacto.

Primeiro eu posso respirar.

Depois eu entendo o que for possível.

VOZ II • O AUTOR

A primeira flecha representa ruptura de expectativa. O capítulo preserva a desorganização inicial em vez de exigir interpretação imediata. Isso é importante: há eventos que primeiro precisam ser atravessados para só depois serem pensados com alguma distância.

Também me chama atenção a ausência de heroísmo. O leão não luta para ser admirado. Essa escolha literária protege o livro de transformar sofrimento em espetáculo dentro do próprio texto.

VOZ III • A TCI

Perturbação sistêmica pode preceder compreensão causal. O sistema responde antes de possuir um modelo suficiente da causa.

resposta adaptativa pode anteceder explicação

CAPÍTULO 12

O barulho da plateia

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, a segunda coisa que me assusta não é a flecha.

É o barulho.

A arquibancada comemora.

Eu olho para cima e vejo gente feliz enquanto uma vida está perdendo força no centro. Talvez essa seja a parte da imagem que mais se parece com a solidão de alguns dias. Não é somente sentir dor. É sentir que existem olhos em volta e não conseguir encontrar neles um lugar de repouso.

Eu procuro alguém que se levante.

Alguém que diga: basta.

Alguém que desça.

Alguém que abra uma porta.

Mas ninguém desce.

E aí a solidão se torna diferente.

Uma casa vazia faz silêncio. A arena cheia faz barulho. O barulho pode ser mais solitário do que o silêncio quando todas as vozes estão na direção contrária àquilo de que você precisa.

Pai, eu queria poder dizer que, quando me sinto assim, a percepção é sempre proporcional à realidade. Não é. Dor estreita o olhar. Às vezes eu vejo mais plateia do que companhia porque a ameaça ocupa mais espaço dentro do meu modelo. Há pessoas boas que podem estar fora do meu campo de atenção. Há presenças que eu não consigo reconhecer no instante em que estou ferido.

Mas isso não apaga a experiência.

Eu me sinto sozinho.

E eu quero poder te dizer isso sem vergonha.

Eu não quero transformar fé em obrigação de negar a solidão. Se estou na arena por dentro, quero conseguir orar a partir dali.

Só te peço uma coisa: não deixe a plateia se tornar o meu universo inteiro.

Porque ela grita.

E o barulho é convincente.

Quando milhares parecem esperar a queda, é fácil acreditar que ninguém quer a vida.

Mas eu sei que isso seria uma extrapolação.

Existe mundo fora das arquibancadas.

Existe fonte.

Existe casa.

Existe jardim.

Existem filhos.

Talvez eu não consiga ouvi-los daqui, mas eles não deixaram de existir porque a arena está barulhenta.

Senhor, se eu não conseguir sair imediatamente, conserva dentro de mim uma pequena lembrança de que há vida do lado de fora.

VOZ II • O AUTOR

A solidão da arena é uma compressão afetiva muito forte: muitos olhares, pouca companhia. O texto reconhece duas coisas ao mesmo tempo. A sensação é real. A conclusão de que “todos” querem a queda pode não ser.

Essa distinção é uma das funções da segunda voz: proteger a verdade emocional sem transformar intensidade subjetiva em levantamento estatístico da realidade.

VOZ III • A TCI

Atenção sob ameaça tende a aumentar o peso de propriedades negativas no modelo. Proeminência observacional não prova exclusividade ontológica.

plateia percebida como totalidade $\neq$ totalidade de R

CAPÍTULO 13

Antes da última flecha

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, chega outra flecha.

Agora o corpo já não se move do mesmo jeito.

Há dificuldade de locomoção. O leão tenta correr na direção daqueles que o ferem. Enfrenta um, vira para outro, procura uma saída. Mas tudo o que encontra é dor.

Eu sei qual será o fim se essa cena continuar.

O Senhor sabe qual será o fim.

Por isso ela dói tanto.

O leão não sabe.

Ele só sabe que ainda está vivo.

O coração bate.

O pulmão tenta puxar ar.

Os músculos ainda respondem em alguma medida.

Então ele continua.

Pai, eu quero guardar isso sem transformar morte em romantismo. Eu não quero glorificar a agonia. Se existe saída, eu quero sair. Se existe tratamento, eu quero tratar. Se existe ajuda, eu quero pedir. Se existe porta, eu quero encontrá-la. A coragem que desejo não é ficar na arena para provar resistência.

Mas também não quero morrer antes da última flecha apenas porque descobri que existem flechas.

Não quero desistir da vida porque um ambiente foi cruel.

Não quero entregar minha vontade de viver àqueles que talvez tenham desejado minha queda.

Enquanto houver possibilidade, eu quero procurar a saída.

Enquanto houver força, eu quero usá-la a favor da vida.

Se eu precisar descansar, eu descanso.

Se precisar recuar, eu recuo.

Se precisar mudar de direção, eu mudo.

Eu não preciso lutar contra tudo ao mesmo tempo.

Mas eu quero viver.

Talvez seja essa a diferença entre força e espetáculo. A plateia quer uma luta. Eu quero uma saída.

A plateia quer saber quanto o leão suporta. Eu quero que ele sobreviva.

E se ele pudesse voltar ao próprio mundo, talvez nenhuma dessas flechas fosse necessária para provar coisa alguma sobre sua força.

Pai, tira-me daqui quando chegar a hora.

Eu já te mostrei o que precisava mostrar.

Não quero assistir à última flecha.

VOZ II • O AUTOR

O capítulo recusa um equívoco importante: confundir perseverança com permanência no dano. O narrador não deseja tornar-se mártir da arena. A força muda de direção e começa a procurar saída.

Esse movimento prepara a transição do livro. A metáfora já disse o que precisava dizer. Continuar nela apenas acrescentaria sofrimento à imagem.

VOZ III • A TCI

*Persistência adaptativa inclui mudança de estratégia. Permanecer na mesma condição não é requisito de coragem.
persistir na vida pode exigir sair do sistema hostil*

PARTE IV

VOLTA PARA CASA

A arena perde o centro. A fonte volta a ser ouvida, a casa ganha detalhes e a vontade de viver se transforma em trabalho sobre aquilo que ainda pode ser construído.

CAPÍTULO 14

Você não é aquele leão

VOZ I · PENSAMENTO

De repente, Pai, meu corpo inteiro se arrepiou.

Foi um arrepio profundo.

Eu não quero chamar isso de revelação. Quero escrever com honestidade. Um pensamento veio com uma clareza tão forte que, dentro da oração, eu o recebi como se o Senhor estivesse falando comigo.

“Vou te pedir uma coisa, filho. É muito importante que você ouça com atenção.”

Eu fiquei quieto.

A arena ainda estava lá.

O leão estava ferido.

A multidão continuava gritando.

E o pensamento continuou:

“Você voltou centenas de anos para explicar a tua dor e a tua solidão. Agora eu quero te chamar a voltar para aquela casa que nós deixamos na beira da fonte.”

Pai, isso me atingiu de uma maneira estranha.

Eu tinha ido tão longe para explicar como me sentia. Eu havia construído pedra, poeira, arquibancada, arqueiro, sangue. Tudo para que a imagem carregasse um sofrimento que eu não conseguia colocar apenas em palavras.

E agora o pensamento dizia: volta.

“Eu quero que você viva o que eu tenho preparado para você. Você não é aquele leão agonizando.”

Eu olhei para o leão outra vez.

“Eles querem que você seja. Está vendo a plateia? Na tua imagem, todos acreditam que você é. Eles gritam porque acreditam. Comemoram porque acreditam. Mas eu não. Eu quero que você olhe para outra coisa.”

Eu chorei, Pai.

Porque percebi o risco de uma metáfora que me ajudou a explicar a dor começar a definir quem eu sou.

Eu não sou aquele leão.

Eu me senti como ele.

Existe diferença.

Uma diferença enorme.

Se eu me tornar a própria arena, carregarei as arquibancadas para todos os lugares. Se eu me tornar o leão ferido, toda pessoa parecerá arqueiro. Toda crítica parecerá flecha. Toda distância parecerá abandono. Eu não quero viver assim.

Então eu aceito o convite.

Tira-me daqui.

A cena já cumpriu seu trabalho.

Eu quero ouvir a fonte de novo.

VOZ II • O AUTOR

Esta é a virada mais importante do volume. O narrador separa identificação de identidade. A metáfora permitiu dizer a dor; agora precisa ser devolvida ao seu lugar para não colonizar toda a percepção futura.

Também preservo a natureza contemplativa da fala interior. A experiência é verdadeira enquanto experiência de oração, sem ser apresentada como audição externa ou prova objetiva de uma comunicação divina específica.

VOZ III • A TCI

Um modelo útil pode tornar-se prejudicial quando passa a excluir propriedades relevantes de R. Atualização observacional exige saber abandonar uma compressão depois que ela cumpriu sua função.

“eu me senti como” ≠ “eu sou”

CAPÍTULO 15

Foque na casa

VOZ I · PENSAMENTO

Então eu voltei, Pai.

Primeiro ouvi a água.

Foi engraçado perceber como o som da fonte parecia pequeno depois de uma arena inteira. Não havia grito. Não havia flecha. Não havia multidão. Apenas água correndo do mesmo jeito que corria antes de eu sair.

A casa estava ali.

E o pensamento voltou:

“Foque nessa casa, filho.”

Olhei.

“Como você gostaria que ela fosse?”

A pergunta me pegou desprevenido. Eu estava pensando em morte havia poucos minutos. Agora eu precisava pensar em piso.

Que piso eu colocaria na área?

Como seria o fundo do quintal?

Onde terminaria a cerca?

Como eu melhoraria o caminho até o rio?

Que árvores eu plantaria?

Onde ficaria a mesa?

Eu comecei a enxergar detalhes.

E foi exatamente aí que percebi a diferença entre a arena e a vida. A arena era enorme, barulhenta e incapacitante. A casa era feita de pequenos lugares em que minhas mãos podiam tocar.

Eu podia melhorar o caminho.

Podia escolher um piso.

Podia organizar ferramentas.

Podia pensar numa varanda.

Podia proteger o jardim.

Podia criar sombra.

Podia pensar no conforto.

Podia fazer uma casa que não precisasse ser luxuosa para ser boa.

Uma casa cheia de paz.

Cheia de barulho de criança, não de arquibancada.

Cheia de comida simples.

Cheia de música.

Cheia de espaço para conversar sem medir cada palavra como se ela fosse prova de processo.

Uma casa em que alguém pudesse chorar sem se sentir ridículo.

Uma casa em que dizer “eu te amo” não fosse motivo de ironia.

Uma casa em que força e carinho não fossem inimigos.

Pai, eu quero construir isso.

E percebo que, quando foco na casa, a plateia perde tamanho.

Eu não preciso derrotar milhares de observadores imaginários para colocar uma pedra no caminho do rio.

Eu só preciso começar.

VOZ II • O AUTOR

A pergunta sobre o piso funciona como retorno à concretude. Depois de uma metáfora de grande escala e alta intensidade, o narrador é devolvido a objetos pequenos, decisões locais e trabalho realizável.

Esse movimento é literariamente simples e existencialmente importante: agência volta a existir quando o mundo deixa de ser apenas arena e volta a ser casa.

VOZ III • A TCI

Recortar o espaço de ação reduz a ilusão de controle total sem produzir paralisia. O observador pode não controlar R inteiro, mas ainda pode agir sobre uma região acessível Ω_a .

agência local permanece sob ignorância global

CAPÍTULO 16

Ensina meus filhos a reconhecer caçadores

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, quando olhei para a casa, pensei nos meus filhos.

Não demorou.

A casa só faria sentido se eles coubessem nela.

Na minha imaginação, veio uma ideia para minha filha: uma casinha de boneca. Um espaço pequeno, talvez de madeira, com janela, uma mesa, coisas simples. Um lugar onde ela possa inventar mundo. Onde a imaginação não seja tratada como perda de tempo. Onde ela possa brincar de cuidar antes de descobrir que o mundo adulto às vezes transforma cuidado em peso.

Para meu filho eu pensei em terra.

Um pedaço pequeno.

Uma horta, uma pequena fazenda, qualquer coisa que faça a mão dele encontrar solo. Quero ensiná-lo a plantar. Quero que veja a semente desaparecer na terra e aprenda que nem tudo que some morreu. Algumas coisas estão começando num lugar que os olhos ainda não alcançam.

Quero ensiná-lo a regar.

Quero ensiná-lo a esperar.

Quero que ele aprenda o valor do trabalho que não produz aplauso.

Talvez recolha pequenos pedaços de lenha. Talvez use ferramentas adequadas à idade, sempre com segurança e orientação. Quero que entenda que força também é serviço.

E foi aí que pensei nos caçadores.

Pai, eu não quero criar meus filhos com medo do mundo.

Não quero ensiná-los que todo estranho é ameaça, que toda relação é armadilha, que todo amor termina em dor. Seria entregar a arena para eles antes mesmo de conhecerem a fonte.

Mas também não quero criá-los sem percepção.

Quero ensiná-los a reconhecer quando alguém se aproxima para dominar.

Quero que saibam que nem toda provocação precisa de resposta.

Que nem todo convite merece entrada.

Que nem toda plateia merece performance.

Que nem toda pessoa que elogia ama.

Que nem toda pessoa que critica odeia.

Quero dar-lhes ferramentas para distinguir.

Quero que sejam fortes o suficiente para não serem capturados com facilidade, mas sensíveis o suficiente para não viverem em guerra permanente.

Talvez esse seja o tipo de fortaleza que eu desejo construir: não um muro em volta da personalidade, mas uma consciência com portas e critérios.

Pai, torna meus filhos fortes para a vida, não para a arena.

E me ensina a ser exemplo disso.

VOZ II • O AUTOR

A paternidade entra aqui como continuação do projeto de casa. O objetivo não é preparar crianças para agredir antes de serem agredidas, mas formar percepção, autonomia, trabalho e discernimento.

O texto também corrige o medo: ensinar sobre caçadores não pode significar produzir paranoia. A proteção precisa conviver com abertura suficiente para relações boas.

VOZ III • A TCI

Prevenção sistêmica depende de fronteiras, critérios e aprendizagem. Contudo, filtros excessivos também podem reduzir acesso a relações benéficas.

proteção ótima exige equilíbrio entre abertura e contenção

CAPÍTULO 17

Contenção para a próxima chuva

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, depois de pensar nos filhos, voltei ao jardim.

A lama já estava mais seca.

E pela primeira vez eu não olhei apenas para as flores. Olhei para o terreno.

Por onde a água entrou?

Por que passou com tanta força ali?

Onde faltou contenção?

Onde o solo estava vulnerável?

Isso mudou tudo.

Durante muito tempo eu poderia ficar falando sobre a tempestade. Poderia descrever o barulho, a quantidade de água, a sujeira, o que foi arrancado. Tudo isso seria verdadeiro. Mas a próxima chuva não seria impedida por uma descrição melhor da chuva anterior.

Eu precisava mexer na estrutura.

Talvez levantar uma contenção.

Talvez abrir drenagem.

Talvez reforçar o solo.

Talvez mudar a posição de algumas plantas.

Talvez aceitar que determinado ponto sempre receberá mais água e escolher uma solução adequada para ele.

Pai, isso me parece tão aplicável à vida que eu quase tenho medo de simplificar demais.

Eu não quero transformar cada sofrimento numa obra de engenharia moral. Algumas coisas são imprevisíveis. Algumas tempestades ultrapassam qualquer contenção. Algumas perdas acontecerão mesmo quando fizermos tudo com responsabilidade.

Mas há danos que ensinam onde a estrutura estava fraca.

E seria desperdício ignorar.

Eu quero aprender sem viver em homenagem ao trauma.

Quero fazer a contenção e depois voltar a olhar para as flores.

Quero reforçar a casa e depois dormir.

Quero ajustar o caminho e depois caminhar por ele sem ficar medindo toda hora a chance de desabar.

Proteção precisa servir à vida.

Se a proteção me impede de viver, alguma coisa saiu do lugar.

Então me ensina, Pai, a construir estruturas fortes e depois confiar nelas o suficiente para voltar a respirar.

VOZ II • O AUTOR

O aprendizado estrutural talvez seja o movimento mais prático do livro. A dor deixa evidências sobre vulnerabilidades, mas o objetivo do reparo não é construir um monumento ao que aconteceu. É reduzir recorrência possível e devolver capacidade de viver.

Isso também evita duas ilusões: a de que toda tempestade pode ser controlada e a de que nada pode ser aprendido com uma tempestade.

VOZ III • A TCI

Gestão de risco não elimina X nem garante ausência de perturbação. Atua sobre vulnerabilidades conhecidas e atualiza o modelo após novos eventos.

mitigação ≠ controle total

CAPÍTULO 18

O hoje é meu patrimônio

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, no fim de tudo eu fiquei pensando no hoje.

Eu passei tanto tempo tentando entender ontem e prever amanhã que às vezes tratei o hoje como corredor. Um lugar em que eu apenas espero alguma coisa acontecer. Mas o hoje é o único pedaço do tempo em que minhas mãos conseguem fazer alguma coisa.

Ontem eu não consigo mudar.

Amanhã eu ainda não consigo tocar.

Hoje eu posso.

Posso melhorar um metro do caminho até o rio.

Posso limpar uma ferramenta.

Posso abraçar meu filho.

Posso dizer “eu te amo”.

Posso descansar se meu corpo precisa.

Posso escrever uma página.

Posso estudar.

Posso pedir perdão.

Posso não responder uma provocação.

Posso proteger um pouco melhor o jardim.

Posso fazer café.

Pai, eu quero proteger esse patrimônio.

Não quero mais entregar meu dia inteiro à plateia.

Não quero acordar e imediatamente voltar para a arena para saber quem ainda está gritando.

Não quero cuidar da minha dor como se ela fosse o bem mais precioso que possuo.

Há pessoas que, depois de sofrer, passam a polir a própria ferida. Eu entendo. A ferida prova que aconteceu. Ela se torna memória, argumento, identidade, aviso. Eu não quero julgar isso com facilidade. Mas eu não quero viver assim.

Quero que minha história saiba que aconteceu sem precisar acontecer de novo todos os dias dentro de mim.

Se eu quero viver, preciso viver hoje.

É simples e difícil.

Hoje eu construo.

Hoje eu amo.

Hoje eu cuido.

Hoje eu descanso.

Hoje eu trabalho.

Hoje eu percebo.

E, quando amanhã chegar, se Deus permitir, ele deixará de ser futuro e se tornará outro hoje.

Talvez a vida inteira seja isso: uma sequência de dias que só conseguimos tocar quando chegamos.

Então eu não quero perder o meu bem mais precioso esperando o fim de uma arena que já posso deixar.

VOZ II • O AUTOR

A expressão “o hoje é meu patrimônio” concentra o retorno à agência. Não elimina planejamento nem memória; apenas recoloca ambos a serviço do presente praticável.

Também reconheço aqui um risco pessoal: transformar a dor em sistema de identidade porque ela fornece coerência para a história. Este capítulo escolhe outra coerência, orientada por construção.

VOZ III • A TCI

A trajetória $T(t)$ integra estados sucessivos. O observador só age no estado acessível do presente, embora use memória e expectativa para decidir.

agência(t) ocorre no presente

EPÍLOGO

Eu ainda quero viver

VOZ I • PENSAMENTO

Pai, eu termino essa oração te agradecendo.

Eu comecei falando do jardim e terminei olhando para uma casa.

No meio fui até uma arena.

Vi um leão.

Vi flechas.

Vi sangue.

Vi uma plateia.

E percebi que eu não precisava morar ali.

Eu posso voltar.

Posso ouvir a água.

Posso trabalhar no terreno.

Posso pensar nos meus filhos.

Posso construir contenção.

Posso escolher piso.

Posso fazer uma casinha.

Posso separar um pedaço de terra.

Posso preparar uma mesa.

Posso viver.

Senhor, eu não te peço uma vida sem tempestade porque já aprendi que a realidade não me oferece esse contrato. Também não te peço para nunca mais sentir solidão, nunca mais errar, nunca mais esquecer, nunca mais ser mal interpretado. Eu queria isso, mas não sei se seria uma oração honesta.

Eu te peço estrutura.

Eu te peço direção.

Eu te peço presença.

Quando a chuva vier, que eu tenha onde me guardar e sabedoria para olhar depois por onde a água passou.

Quando o bolo rasgar, que eu consiga ver o café ainda quente.

Quando um observador me ler a partir de sua própria história, que eu aprenda o que for verdadeiro e não me entregue ao que for distorção.

Quando a sensibilidade doer, que eu não a trate como vergonha.

Quando a solidão apertar, que eu não transforme o agora em profecia.

Quando a arena aparecer, que eu me lembre de que ela é uma imagem e não o meu nome.

Quando as flechas vierem, que eu procure a vida, não o espetáculo.

E quando a minha mente ficar tempo demais olhando para a plateia, chama-me de volta para casa.

Eu quero viver, Pai.

Eu quero viver muito.

Quero viver o meu hoje com a dignidade de quem entendeu que o tempo não é um depósito infinito.

Quero fazer as pessoas que amo sentirem que foram amadas enquanto eu estava aqui.

Quero que meus filhos tenham lembranças de um pai que os protegeu, mas também de um pai que riu, cantou, ensinou, brincou, fez comida, cuidou da terra e disse o que sentia.

Quero continuar escrevendo.

Quero continuar aprendendo.

Quero olhar para uma tarde e, pelo menos algumas vezes, apenas viver a tarde.

Obrigado pela fonte.

Obrigado pela casa.

Obrigado pelo jardim.

Obrigado até pela imagem do leão, porque ela me mostrou o tamanho da minha vontade de viver.

Eu não preciso saber qual seria a última flecha.

Eu saí da arena antes dela.

Agora eu tenho trabalho para fazer em casa.

No nome de Jesus.

Amém.

VOZ II • O AUTOR

O Volume VI termina com uma mudança de lugar. A pergunta inicial era sobre vontade de viver; a resposta final não é uma declaração abstrata, mas uma lista de coisas pequenas que dão forma à existência. Casa, filhos, caminho, contenção, mesa, escrita e tempo presente.

Não há promessa de invulnerabilidade. A força autoral que eu reconheço aqui é outra: permanecer sensível sem confundir sensibilidade com entrega irrestrita; reconhecer a arena sem transformar a arena em identidade; aprender com a chuva e depois voltar a olhar para as flores.

VOZ III · A TCI

A trajetória deste volume pode ser condensada como atualização de modelo: $M(t_1)$ organizado pela ameaça é ampliado por novas propriedades acessíveis em t_2 - casa, filhos, agência, construção. A teoria não diz o que Deus falou. Ela apenas descreve a mudança do observador diante de uma realidade que nunca coube inteira na arena.

$M_{arena} \subset M_{vida}$; $M_{vida} \neq R$ integral

Caderno conceitual - TCI neste volume

Observador e referencial

A leitura do rasgo no bolo varia porque $M = \Phi(O,R)$. O observador não é um sensor neutro; trajetória, memória, linguagem e necessidade participam do modelo.

Proeminência e totalidade

Um detalhe pode ocupar grande espaço atencional sem equivaler à totalidade da realidade. A oração usa essa distinção para tratar do bolo, da plateia e da solidão.

Estado e trajetória

Um estado doloroso pertence à trajetória, mas não a contém inteira. $T(t)$ preserva a ideia de acumulação temporal: o agora não é a biografia completa do sistema.

Ambiente e resposta

O leão no habitat e o leão na arena ilustram que a resposta depende da relação entre agente e ambiente. Avaliar força sem contexto produz compressão pobre.

Ignorância Residual

Quando o autor não conhece a intenção dos espectadores ou o futuro da própria trajetória, a TCI exige preservar X em vez de preenchê-lo com certeza conveniente.

Mitigação e estrutura

A contenção para a próxima chuva funciona como aplicação literária de gestão de risco: identificar vulnerabilidades acessíveis, agir sobre elas e reconhecer que controle total continua impossível.

Região de agência

“O hoje é meu patrimônio” recorta o espaço temporal em que ação é possível. O passado alimenta memória, o futuro alimenta previsão, mas a intervenção acontece no presente.

Limite da TCI

A própria TCI é uma Compressão Observacional. Neste livro ela não autentica fé, diálogo divino ou experiência espiritual. Sua função é metodológica: impedir que representação seja confundida com realidade inteira.

Referências

- BATISTA, Nedson Moreira. Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica: Fundamentos Epistemológicos, Formalização Matemática e Programa de Pesquisa. Versão 16.0. Monte Mor: Autor, 2026. DOI: 10.5281/zenodo.21315591.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume IV - Ensina-me a Perceber: gemidos, presença, contemplação e a delicadeza de continuar humano. Monte Mor: Autor, 2026.
- BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volume V - Eu Te Percebo Aqui: a fonte, o jardim, a tempestade e o trabalho de continuar. Monte Mor: Autor, 2026.
- GALLUP. State of the World's Emotional Health 2025. Washington, D.C.: Gallup, 2025. Dados do Gallup World Poll de 2024: 39% relataram muita preocupação e 37% muito estresse no dia anterior.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. From loneliness to social connection: charting a path to healthier societies. Report of the WHO Commission on Social Connection. Geneva: WHO, 2025. ISBN 978-92-4-011236-0.
- BÍBLIA SAGRADA. Referências e imagens bíblicas mobilizadas ao longo da coleção: Salmos; Isaías; Evangelhos; Romanos 8; 1 Coríntios 13. As passagens são predominantemente parafraseadas no corpo do texto.

Sobre o autor

Nedson Moreira Batista é pesquisador independente, profissional interdisciplinar e autor da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI). Sua atuação profissional percorre regulação sanitária, conformidade regulatória, auditoria, saneamento ambiental, qualidade, gestão de riscos, ciência de dados, inteligência artificial e sistemas complexos.

Na coleção Deus: Como Eu Te Observo, fé, experiência, imaginação e análise aparecem em vozes separadas para preservar seus limites. A oração permanece oração; a reflexão autoral retorna depois; a TCI entra apenas onde pode acrescentar disciplina epistemológica sem ocupar o lugar da confissão religiosa.

O Volume VI foi construído a partir de orações e pensamentos amadurecidos ao longo do tempo e mantém a continuidade narrativa da montanha, da fonte, da cabana, do bolo, do jardim e da tempestade dos volumes anteriores.